

The background of the entire page is a classical-style painting depicting a church service. A large crowd of people is shown from the chest up, with many of their hands raised in a gesture of praise or prayer. The color palette is dominated by warm, earthy tones like ochre, sienna, and terracotta, with some cooler tones in the shadows. The brushwork is visible, giving it a textured, painterly appearance. A dark, vertical, semi-transparent band runs down the center of the image, serving as a backdrop for the title text.

A Atualidade dos Dons Espirituais

www.adoracao.com

O Site da sua edificação!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: OS NOVE DONS EXTRAORDINÁRIOS.....	3
CAPÍTULO I	5
ARGUMENTOS FILOSÓFICOS	5
CAPÍTULO II	8
ARGUMENTOS ESCRITURÍSTICOS	8
CONCLUSÃO.....	14
BIBLIOGRAFIA.....	15

A ATUALIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

INTRODUÇÃO OS NOVE DONS EXTRAORDINÁRIOS

Neste trabalho, nos propomos a demonstrar a atualidade dos dons espirituais. Desejamos comprovar que os dons extraordinários não cessaram com a ultimação do Novo Testamento. Segundo alguns expoentes, os dons dividem-se em ordinários e extraordinários. Na primeira classificação incluem-se os dons de natureza comum. Na segunda encontramos aqueles dons de caráter sobrenatural. Na opinião de muitos eruditos, alguns desses dons de natureza sobrenatural cessaram quando o Novo Testamento foi completado. Esses dons extraordinários são aqueles nove alistados em I Coríntios 12:8-10: (1) palavra da sabedoria, (2) palavra do conhecimento, (3) fé, (4) curas, (5) operação de milagres, (6) profecia, (7) discernimento de espíritos, (8) variedade de línguas, (9) interpretação de línguas. Afirma-se que nos dias de hoje não devem existir esses dons, porque eles tinham a função de causar efeito, autenticar a mensagem apostólica e servir de sinal para a inauguração de uma nova era que estava surgindo no plano dispensacional de Deus.

Para levar a efeito nosso propósito, dividimos este ensaio em dois capítulos. Na primeira parte apresentamos os pressupostos *filosóficos* que devem ser vistos como evidências, e não como provas, da atualidade dos dons extraordinários. É importante salientar que, toda vez que utilizarmos a expressão "dons extraordinários" neste trabalho, estaremos nos referindo aos nove dons alistados em I Coríntios 12:8-10. A segunda parte traz argumentos *escriturísticos* extraídos das Sagradas Escrituras (Basearemos nossos argumentos em uma única passagem bíblica: a passagem clássica de I Coríntios 13:8-13 onde, alguns supostamente encontram elementos para negarem a atualidade dos dons extraordinários). Obviamente, nas Escrituras reside nossa melhor força argumentativa, pois é dela que extraímos o material mais apropriado, sem, contudo, desprezarmos as fontes extra-bíblicas, pois estas trouxeram grande contribuição a este trabalho. Reconhecemos, entretanto, que qualquer outra fonte, por melhor que seja, seria inútil se estivesse desassociada do reconhecimento da superioridade, inerrância e infabilidade das Escrituras Sagradas. É, pois, da análise da Bíblia que ousamos apresentar provas incontestáveis da atualidade dos dons extraordinários. A filosofia nos foi muito útil, mas apenas como ferramenta de apoio, e não como prova cabal. A filosofia demonstra as evidências. As Escrituras comprovam os fatos.

Apesar da suficiência das Escrituras, era nosso desejo enriquecer este trabalho com outras fontes, além dos argumentos filosóficos. Gostaríamos de ter apresentado os fatos *históricos*, o que certamente abrilhantaria esta tese. Mas a escassez de tempo e espaço nos obrigou a limitarmos nosso trabalho em apenas duas fontes.

Não temos a pretensão de sermos inéditos, pois em toda parte podemos encontrar, com certa profusão, obras sobre o assunto. Também não

pretendemos esgotar este tema, pois homens com mais capacidade do que nós escreveram obras com superior qualidade. Neste sentido nosso trabalho está muito aquém da obra destes eruditos, e não poderemos satisfazer plenamente aqueles que, eventualmente, desejem uma análise mais profunda sobre este tema.

Naturalmente, cremos que ainda outros surgirão, pois para os mistérios de Deus nunca haverá uma palavra definitiva. Nenhum ser humano pode, hoje, arrogar para si o múnus de falar em nome de Deus. Embora tenhamos, *num certo sentido*, "inspiração" da parte do Espírito de Deus, devemos saber que "...nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação..." (II Pe.1:20).

CAPÍTULO I

ARGUMENTOS FILOSÓFICOS

Os argumentos filosóficos são aqueles que se relacionam com o saber humano à parte da revelação divina. O campo da filosofia são as diversas áreas do conhecimento, pois ela trabalha tanto com o conhecimento teórico quanto com o conhecimento experimental, e a relação existente entre estes dois universos.

I. EPISTEMOLÓGICO

O primeiro argumento filosófico que examinaremos é o epistemológico. "A epistemologia é o campo da filosofia que investiga a natureza e a origem do conhecimento."¹

A epistemologia estuda como sabemos.²

"Na área da epistemologia devemos fazer as seguintes perguntas: "Como conhecemos alguma coisa? Quando é justificada a alegação de que alguém sabe? É possível o conhecimento indubitável (certo) acerca de qualquer coisa"?³

Para respondermos à pergunta "*como podemos conhecer*"? devemos analisar as nossas fontes de conhecimento ou a origem de nossas crenças. As seguintes fontes serão aqui analisadas: o testemunho de outras pessoas, a intuição (usada aqui no sentido de instintos, sentimentos, e desejos), o raciocínio, e a experiência sensorial. Estas fontes levam a cinco lógicas ou critérios para validar as crenças. São elas a fé ou o autoritarismo, o subjetivismo, o racionalismo, o empirismo, e o pragmatismo.

1. AUTORITARISMO: Esta fonte baseia-se no testemunho de autoridades. Começamos nossa aprendizagem ao aceitar as crenças da nossa família. Posteriormente aceitamos o que nos é dito por nossos professores e amigos. Ainda depois de formados, dependemos do testemunho de livros, jornais, etc. Aceitamos todas essas fontes quando acreditamos serem elas boas. Desse modo delegamos autoridade às fontes que acreditamos fidedignas. Essa autoridade tem origem em 4 elementos:

1.1. O Prestígio da Autoridade: As autoridades evangélicas que defendem a atualidade dos dons extraordinários são pessoas de prestígio. Elas gozam de nossa confiança, e não somente da nossa, mas até mesmo da de seus oponentes. Portanto, a palavra desses irmãos, homens de erudição comprovada, tem um peso decisivo sobre nossas crenças. Algumas autoridades que podemos citar são: D. M. Lloyd Jones, John R. W. Stott, Ray C. Stedman, David Yonggi Cho, C. P. Wagner, Caio Fábio D'Araujo Filho, entre outros.

1.2. O Número de Defensores: O grande número de pessoas que defendem a atualidade dos dons é algo que deve ser levado em conta. Se os dons extraordinários tivessem cessado, então grande multidão de evangélicos estariam sendo enganados. Será que Deus permitiria tal coisa?

- 1.3. A Persistência na Crença:** Apesar dos ataques que vem sofrendo ao longo da história, a crença nos dons extraordinários tem persistido até o presente. Se os dons extraordinários manifestados imediatamente após o período apostólico, as manifestações históricas contemporâneas, bem como as atuais da era moderna, fossem de fato falsificações, há muito elas teriam desaparecido da lembrança do povo evangélico. Ele não fariam nenhuma questão de ressuscitá-las.
- 1.4. A Antigüidade da Crença:** A crença nos dons extraordinários não é nenhuma inovação da Igreja Moderna. Ela existe desde o nascimento da Igreja; tem o selo apostólico como garantia, bem como a autenticação do Espírito Santo nas suas mais diversas operações através da Igreja.
- 2. SUBJETIVISMO:** Temos aqui o argumento baseado na intuição, isto é no sentido dos instintos, sentimentos e desejos. Isto não significa que nossas crenças acerca da realidade dos dons extraordinários tem sua origem em dados dos sentidos ou coisas semelhantes, mas, sim, através de nosso contato imediato com o conhecido. Portanto este elemento pressupõe que o conhecedor tenha algum tipo de contato direto com o que é conhecido, ou seja com o objeto da crença, que no nosso caso, são os dons extraordinários. Para melhor elucidação também classificamos o subjetivismo em duas categorias: realismo direto e misticismo.
- 2.1. Realismo Direto ou do Bom Senso:** É o ponto de vista concebido pelo homem comum, sem qualquer reflexão filosófica, porém caracterizada pelo bom senso e bom juízo. Pessoas psiquicamente sadias não ousariam defender uma experiência subjetiva se de fato não acreditassem nela. Pode ser que estivessem enganadas, mas não por muito tempo. Pode ser que alguns se enganassem, mas não todos. Uma experiência subjetiva, isto é, pessoal, interior, é algo que costuma ficar gravado no espírito pelo resto de nossas vidas, principalmente se esta tem sua origem na pessoa do Espírito Santo de Deus. Este fato deve ser considerado como evidência de que o Espírito Santo ainda opera extraordinariamente, através dos dons, em nossos dias.
- 2.2. Misticismo:** É o subjetivismo supra-racional, que tem a ver com o conhecimento de Deus. Certamente podemos conhecer a Deus, e de fato o conhecemos, mas alguns conhecimentos estão além da razão humana. É o caso também dos dons extraordinários, que conhecemos hoje em parte, mas não o compreendemos totalmente. A experiência mística de muitos irmãos comprovam a atualidade dos dons extraordinários.
- 3. RACIONALISMO:** Este elemento aponta para a razão, para aquilo que é cognoscível. Há boas razões para acreditarmos nos dons extraordinários para hoje. Os próprios argumentos deste trabalho se constituem em algumas destas razões.

4. EMPIRISMO: Aponta para o elemento baseado mais na experiência do que na razão. É claro que a experiência de um cristão não deve servir como padrão para autenticação dos dons, mas o grande número de experiências sentidas por tantos cristãos, servem para evidenciar que algumas delas são pelo menos genuínas. Já que o empirismo se baseia na experiência, é óbvio supor que esta se serve dos sentidos e daquilo que se descobre com eles.

4.1. Sentidos Físicos: Visão, olfato, audição, tato e paladar. Relatos de experiências espirituais envolvendo a visão é a mais comum que encontramos. Mas também já se ouviu falar de manifestações envolvendo a audição, o olfato e outros sentidos.

4.2. Sentidos Emocionais: Inúmeros irmãos têm sido tocados em suas emoções, quando as operações espirituais do Espírito Santo de Deus se manifestam. Deveríamos mesmo acreditar que essas experiências foram apenas produto da emoção humana? Não seriam de fato o resultado da operação do Espírito? Quando Deus se manifesta, homem algum pode resistir a ponto de permanecer emocionalmente estático.

5. PRAGMATISMO: Este argumento considera a funcionalidade, utilidade e resultados práticos do objeto conhecido.

5.1. Funcionalidade: Os dons que conhecemos funcionam mesmo?

5.2. Utilidade: Os dons são realmente úteis?

5.3. Resultado: Os dons extraordinários de hoje têm bons resultados práticos?

II. METAFÍSICO

Este nome provém de uma palavra grega que significa "depois da física". Através do uso do termo este veio a significar "além" do físico. Daí, a metafísica, para alguns filósofos, "é o estudo do ser ou da realidade." ⁴

Enquanto que a epistemologia ocupa-se com as capacidades e as limitações de quem sabe, "a metafísica trata da existência e da natureza daquilo que é sabido." ⁵

A metafísica considera, pois, as qualidades e os relacionamentos das coisas conhecidas, ou seja: a realidade. De que forma então podemos conhecer realisticamente (metafisicamente) os dons extraordinários? Só podemos conhecer o desconhecido por intermédio do que conhecemos, o real desconhecido pelo real desconhecido, o irreal desconhecido pelo irreal desconhecido. Só podemos conhecer aquilo que é verdadeiro por meio daquilo que não é verdadeiro. Logo podemos conhecer a realidade verdadeira por meio da realidade falsa. Conhecemos muito bem as falsificações demoníacas, e por meio delas podemos conhecer a verdadeira manifestação de Deus. Se existe o falso, necessariamente deve também existir o verdadeiro. A realidade dos falsos dons extraordinários, comprovam a existência dos verdadeiros dons extraordinários.

CAPÍTULO II

ARGUMENTOS ESCRITURÍSTICOS

Os argumentos escriturísticos são aqueles baseados na revelação de Deus, em sua palavra escrita, isto é nas Sagradas Escrituras.

I. EXEGÉTICO

O argumento exegético baseia-se na interpretação do texto bíblico original. Para este trabalho utilizaremos a passagem de I Coríntios 13:8-13, que tem sido usada por muitos comentaristas para defender a negação dos dons extraordinários neste tempo presente. Um destes comentarista é B. F. Cate, autor do livro "The Nine Gifts of the Spirit. Are not in the church today" (Os Nove dons do Espírito. Não se manifestam na igreja no dia de hoje). Veremos então a interpretação de B. F. Cate, e, em seguida apresentaremos nossa exegese do texto em questão.

1. A Visão de B. F. Cate de I Coríntios 13:8-13:

Cate inicia o primeiro capítulo de seu livro fazendo esta pergunta: "Os Nove Dons: Quando Cessaram Eles?" Em seguida passa a argumentar da seguinte maneira: *"Paulo diz: 'O amor jamais acaba.' Isto implica que os dons acabariam; portanto, ele prossegue dizendo: 'mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque em parte conhecemos e em parte profetizamos (versículo 8 e 9). a razão por que eles só conheciam em parte era que então ainda não estava completamente revelado aquilo do Novo Testamento que agora está escrito. 'Quando, porém,' diz Paulo, 'vier o que é perfeito (a últimação do Novo Testamento), então o que é em parte (profecia, etc.) será aniquilado' (versículo 10). Depois ele ilustra isso dizendo: 'Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino' (versículo 11). Nos dias primitivos da presente dispensação, quando foi escrita esta epístola, eles eram como meninos; mas estava aproximando-se rapidamente o tempo quando desistiriam 'das coisas próprias de menino' (os nove dons), e andariam pela fé no 'caminho sobremodo excelente' do 'amor' e na luz da completa revelação de Deus.*

"Paulo ilustra novamente, dizendo: 'Porque agora (quando esta epístola foi escrita) vemos como em espelho, obscuramente (em parte conhecemos), então (quando a revelação de Deus ao homem fosse completada) veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido' (versículo 12). Conhecer 'como também sou conhecido,' significa: nós, agora que a revelação de Deus está completa, não mais 'em parte conhecemos,' mas conhecemos a mente de Deus (para esta dispensação) tal como Ele conhece nossa mente." ⁶

Cate prossegue dizendo: *"Existem alguns que encontram dificuldade em ver que 'o que é perfeito' em I Coríntios 13:9,10 refere-se à perfeição*

*(ultimação) da revelação de Deus para a era da igreja. Paulo, ao demonstrar que 'o amor jamais acaba,' mas que os nove dons cessariam quando o Novo Testamento chegasse à sua últimação, refere-se apenas a três deles como exemplo do todo (versículo 8). Depois, nos versículos 9 e 10 ele reduz isto a um único dom - o da profecia - como um exemplo do todo. Vejamos mais uma vez o que dizem estes versículos: 'Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos. quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte (profetizar) será aniquilado.' Paulo não está falando a respeito da perfeição dos santos; está falando a respeito da perfeição da profecia. Demonstra assim que o dom de profecia deveria cessar quando a revelação de Deus para a era da Igreja chegasse à perfeição."*¹

Esta é a visão de Cate. Com amor e respeito àqueles que pensam dessa forma, passaremos a contra-argumentar esta posição. Nós cremos que, na passagem, Paulo fala da perfeição dos santos, e defenderemos esta tese, porque se o fizermos, ficará também demonstrado que os dons extraordinários existem hoje. Isto porque Paulo deixa claro, na passagem, que os profetas deveriam profetizar 'em parte' até que viesse 'o que é perfeito.' Portanto, se 'o que é perfeito' ainda não veio, então nós ainda temos profetas profetizando 'em parte' ainda hoje.

2. **Uma Análise de I Coríntios 13:8-13:** Nesta passagem analisaremos os vocábulos "perfeito", "quando", "agora", "então" e "conhecer".

2.1. O Perfeito do Versículo 10: O termo grego usado em I Coríntios 13:10 é **teleio (téleios)**. Esta palavra pode ser traduzida de várias maneiras: (1) "perfeito", referindo-se às coisas (Rm.12:2; ICo.13:10; Tg.1:4,17,25; Hb.9:11, IJo.4:18, etc.); (2) "perfeito", referindo-se às pessoas, com o sentido de "maduro" ou "adulto" em sentido moral e espiritual (Mt.5:48; 19:21; Fp.3:15; Cl.1:28; ICo.2:6; 14:20; Ef.4:13; Hb.5:14); (3) "perfeito", referindo-se à Deus em sua perfeição absoluta (Mt.5:48).²

No versículo 10 de I Coríntios 13, o termo grego **teleion (téleion)** é "adjetivo pronominal, nominativo, neutro, singular."³

De acordo com isto, a tradução correta do texto deveria ser: "quando, porém, vier **aquilo que é perfeito, então aquilo que é em parte será aniquilado.**" Isto porque este adjetivo, na língua grega, não é feminino nem masculino, mas está no gênero *neutro*. Portanto, o argumento de Cate, de que "o que é perfeito em parte" se refere a profecia, se desfaz; e isto por duas razões: (1) A palavra grega profecia, usada no versículo 8 (**profhteia = profeteia**), é "substantivo, nominativo, feminino, plural."¹⁰

Se a palavra "profecia" é feminina, então "aquilo que é perfeito" também deveria estar no gênero feminino para concordar, mas não está. (2) Se "o que é perfeito" fosse a revelação profética completada pelo Novo Testamento, então "o que é perfeito em parte," a revelação profética do Antigo Testamento, teria sido aniquilada. De fato o Antigo Testamento foi aperfeiçoado ou completado pelo Novo Testamento, mas de forma alguma ele foi aniquilado ou cessou em seus efeitos. Jesus disse que nenhuma profecia do Antigo Testamento cessaria até que tudo se cumprisse (Mt.5:18). Jesus não disse que a lei cessaria até que tudo fosse revelado (a revelação do Novo Testamento), mas até que tudo se cumprisse. Como poderia o Antigo Testamento ter sido aniquilado se ainda há

muitas profecias para serem cumpridas? "...a Escritura não pode falhar." (Jo.10:35).

Creemos que a palavra "perfeito" contém nesta passagem a idéia do fim ou do objeto consumado ou completado, pois de acordo com o contexto da epístola, Paulo, logo adiante, no capítulo 15, passa a tratar da ressurreição. Em I Coríntios 15:24 o apóstolo diz: "...então virá o **fim...**" A palavra fim é **telo (télos)**. Portanto deve referir-se à ressurreição ou perfeição dos santos na consumação, quando toda a profecia terá sido completada, finalizada ou aperfeiçoada ¹¹

(Lc.22:37) e a fé terá o seu fim, quando deixaremos de ver por enigma, e veremos face a face ao Nosso Salvador: "(Cristo) a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas." (I Pedro 1:8,9).

Uma passagem esclarecedora pode ser encontrada em Romanos 10:4, onde lemos que "...o **fim (télos) da lei é Cristo...**". Obviamente a lei não teve seu fim (ela não foi aniquilada, veja Mt.5:17), mas ela foi aperfeiçoada por Cristo: "Anulamos, pois, a lei, pela fé? Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei." (Rm3:31). Pela nossa fé em Cristo, a lei está sendo, em nós, confirmada e aperfeiçoada, até que chegue a ressurreição, quando deixaremos de andar por fé (II Co.5:7) para andar por vista, pois veremos Cristo face a face: "...quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-lo *como Ele é.*" (I João 3:2). Na ressurreição alcançaremos nossa perfeição espiritual, deixaremos de ser meninos, e conheceremos plenamente a Cristo, como dEle somos conhecidos: "...até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos..." (Ef.4:13,14). O contexto desta passagem diz que Cristo "...concedeu dons aos homens... até que todos cheguemos à unidade da fé..." (vv.8,13). De acordo com este contexto, os dons de Cristo devem durar **até** que se completem as observações feitas por Paulo no versículo 13. Neste sentido, nem mesmo o dom de apóstolo, mencionado no versículo 11, teria cessado.

2.2. O Quando do Versículo 10: A palavra *quando* usada neste versículo é traduzida do grego **otan (hótan)**. Este termo é uma "partícula temporal" que pode ser traduzida por "no tempo que." ¹²

Portanto o versículo está dizendo que "o que é perfeito em parte" somente será aniquilado "no tempo que vier o que é perfeito," e esse tempo ainda é futuro, pois **hótan** se refere a "um tempo definido e específico." Esse tempo definido e específico era futuro para o apóstolo Paulo, quando ele escrevia a epístola, e ainda hoje, é futuro para nós.

2.3. O Quando do Versículo 11: O quando deste versículo, no grego, não é *hotan*, como no versículo anterior, mas **ote (hóte)**, que também é uma "partícula temporal," ¹³ mas se refere a um tempo indefinido, pois Paulo não estava falando da época em que ele era criança, mas de um tempo indefinido, ao qual ele chama de "tempo de menino," que ele usa para contrastar com o tempo definido pela vinda daquilo que é perfeito.

2.4. O Agora do Versículo 12: Esta palavra aparece duas vezes no versículo 12, como tradução do vocábulo grego **arti (arti)**. Trata-se de um advérbio, com sentido de "já, imediatamente, no presente, presentemente," como é utilizado em Jo.9:19,25: I Pe.1:6,8. "No grego helenístico o sentido é *ampliado para referir-se ao presente em geral.*"¹⁴

Segundo Grosheide, *arti* expressa "um contraste entre esta dispensação e a futura."¹⁵

De acordo com isto, o *agora* do versículo 12 não expressa apenas o tempo do apóstolo Paulo, quando a epístola foi escrita por ele, mas também o tempo presente, até o final da presente dispensação.

2.5. O Agora do Versículo 13: A palavra *agora* deste versículo é traduzida do grego **nune (nune)**, que pode também ter a idéia de tempo (At.22:1; 24:13; Rm.3:21; Ef.2:13; etc.), mas no versículo em questão, foi usado com *sentido lógico* e não temporal, como é usado em I Co.5:11; 15:20; Hb.9:26; etc. Nesses casos, a idéia de tempo é "enfraquecida ou totalmente ausente" e deve ser melhor traduzida por "porém, mas, ora."¹⁶

Nesse sentido o que o apóstolo está dizendo é que neste tempo presente ainda "vemos como em espelho, obscuramente," porque vemos por meio da fé (II Co.5:7), e da esperança (Rm.8:24,25) que "é a certeza das coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem." (Hb.11:1). "Logo..." - diz o apóstolo - "...permanecem a fé, a esperança e o amor..." (v.13). Estas três virtudes são necessárias para haver o conhecimento de Deus. A fé e a esperança nos concedem um conhecimento parcial (Rm.1:17; Ef.3:17-19; IITm.3:15), por isso cessarão, quando o conhecimento completo vier. O amor, porém permanecerá pela eternidade, quando vier o que é perfeito, pois o amor "...é o vínculo da perfeição." (CI.3:14).

2.6. O Então do Versículo 12: A palavra grega para este vocábulo é **tote (tôte)**. Este advérbio indica tempo, e está em conexão com o "quando" do versículo 10, que também é temporal. Segundo o léxico, deve ser traduzido por "naquele tempo."¹⁷

2.7. O Verbo Conhecer dos Versículos 9 e 12: Este verbo aparece quatro vezes no texto. Nas duas primeiras ocorrências, é usado o verbo grego **gnwskw (gnôskô)**: "...em parte **conhecemos...**"(v.9), "...**agora conheço em parte...**"(v.12). Nas outras duas ocorrências o verbo grego é preposicionado com o prefixo grego **epi (epi)**: **epignwskw (epignôskô)**: "...então **conhecerei como também sou conhecido...**"(v.12). O prefixo adicionado ao vocábulo dá um sentido pleno ao verbo. A Nova Versão Internacional do Novo Testamento traduz com mais exatidão o versículo 12: "Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora **conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido.**"¹⁸

Note que na primeira ocorrência, Paulo acrescenta as palavra "em parte" ao verbo conhecer, porque o seu conhecimento, quando ele escrevia a epístola era parcial. Mas ele diz que, no tempo (então) em que viesse aquilo que é perfeito, ele veria face a face e teria o pleno conhecimento. Barrett diz que "As palavras apresentam a inadequação do atual conhecimento humano de Deus, em

contraste com o conhecimento que Deus tem do homem e o conhecimento de Deus que os homens terão na era futura." ¹⁹

É claro que Paulo não atingiu o pleno conhecimento. Ele caminhava com esforço na vida cristã, para obter o melhor nível de perfeição, mas sabia que seria impossível atingi-lo nesta vida: "...para o conhecer e o poder da sua ressurreição... para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos (maduros até um certo nível), tenhamos este sentimento; e, se porventura pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. Todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos." (Fp.3:10-16). Entretanto quando Paulo estava para morrer, sabendo que iria encontrar-se com o Senhor face a face, ele escreveu: "**Combati o bom combate, completei (telew = teléô = aperfeiçoei) a carreira, guardei (threw = têréô = permenecí fiel) a fé.**" (II Tm.4:7). O sentido de *teléo* neste verso é: "terminar, completar, chegar ao alvo." ²⁰

O que é verdade para Paulo, também é para nós. Nenhum cristão hoje ousa dizer que tem o pleno conhecimento de Deus ou das coisas de Deus. Paulo, que não atingiu esse nível, possuía muito mais conhecimento do que nós que temos a Escritura completa. é certo que podemos ter um pleno conhecimento subjetivo da verdade (II Tm.2:25), mas o conhecimento pleno, objetivo e absoluto, só a Deus pertence (Dt.29:29). Portanto "...conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva a sua vinda é certa..." (Os.6:3), porque "...a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste... Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja." (Jo.17:3,26).

II. HERMENÊUTICO

Este argumento baseia-se nas leis de interpretação do texto bíblico. Não há em todo o Novo Testamento nenhum texto que diga claramente que os dons extraordinários cessariam. O único texto que poderia dar alguma margem à esta interpretação é o de I Coríntios 13: 8-13. Este texto, por ser um pouco obscuro, e de difícil interpretação, tem sido usado para demonstrar a extinção dos dons extraordinários para a época posterior à época apostólica. Contudo, uma boa exegese, como a que acabamos de apresentar, no sub-capítulo anterior, dissolve toda a dúvida quanto a existência dos dons extraordinários para hoje.

III. PROFÉTICO

O argumento profético tem a ver com o caráter profético da mensagem, do sinal operado ou propriamente da manifestação do dom extraordinário. O genuíno dom extraordinário tem que ser puro e santo. Suas asseverações devem ser claras e exatas, não deixando nenhuma margem à dúvida. Desassemelham-se das adivinhações, prognósticos, agouros e feitiçarias, com os quais não devem ter nenhum vínculo, o mínimo que seja (Dt.18:9-14). A palavra profética, por exemplo, deve acontecer exatamente como foi predita: "Se disseres no teu

coração: como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? Sabe que quando esse profeta falar, em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba a falou o tal profeta: não tenhas temor dele." (Dt.18:21,22).

Inúmeros crentes têm sido beneficiados com a manifestação do genuíno dom extraordinário. Vidas foram edificadas ao receberem uma palavra profética de edificação, exortação e consolo (I Co.14:3). Poderia vir de Satanás algo que promovesse o bem estar dos santos? Certamente que não! "Acaso pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?" (Tg.3:11).

IV. ESPIRITUAL

Este argumento, tão importante quanto o profético, baseia-se não no caráter do dom propriamente, mas no caráter espiritual da pessoa através da qual o dom se manifesta. Ele se focaliza no instrumento que manifesta o dom, e não na manifestação do dom. É preciso discernir o caráter da pessoa que fala ou manifesta algum dom extraordinário. Esta pessoa é séria em sua vida com Deus? Leva uma vida santa e irrepreensível? É conhecida? Deixa transparecer alguma suspeita? Tudo isso deve ser levado em conta, mesmo que o sinal por ela predito, venha a acontecer: "Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, e disser: vamos após outros deuses, que *não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma.*" (Dt.13:1-3). Deus permite a manifestação de "...poder, e sinais e prodígios da mentira..." (II Ts.2:9), para enganar aqueles que "...não acolheram o amor da verdade..." (II Ts.2:10). Portanto, todo sinal ou dom extraordinário, por mais portentoso que seja, que contraria a verdade da palavra de Deus deve ser rejeitado porque não vem de Deus. O Novo Testamento apresenta um caso interessante o nosso para exame. Diz a bíblia que "...indo nós para o lugar da oração, nos saiu ao encontro uma jovem possessa de espírito adivinhador... seguindo a Paulo e a nós, clamava dizendo: estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação..." (At.16:16,17). Note que nesta passagem tudo que o espírito dizia acerca de Paulo e seus companheiros era verdade, porém tratava-se de um espírito adivinhador, isto é, um demônio que "...adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores." (At.16:16). Paulo tratou logo de expulsar aquele espírito (At.16:18) para proteger a pureza de sua mensagem, a qual ele anunciava gratuitamente, sem fins lucrativos, para que os seus ouvintes não a considerassem equivalente à mensagem que aquele espírito anunciava.

Temos encontrado homens seríssimos em sua vida com Deus. Estes têm servido de instrumentos nas mãos divinas, como canais de manifestação de dons extraordinários. Se rejeitarmos a existência dos dons extraordinários, teríamos que rejeitar a muitos homens e mulheres de Deus.

CONCLUSÃO

Nesta conclusão queremos salientar uma palavra final sobre o texto de I Coríntios 13:8-13, muito usado por nossos oponentes para negar a atualidade dos dons extraordinários, e, por nós, para defender a sua existência. Reconhecemos algumas dificuldades que a passagem apresenta. Paulo não diz claramente o que é "o perfeito." Dissemos neste trabalho tratar-se, *o perfeito* da *ressurreição*. Alguns têm afirmado tratar-se da *vinda de Jesus*; outros, por sua vez, dizem que é o *amor*. Todas essas posições trazem dificuldades. A *ressurreição* (*anastasi* = *anástasis*) *vinda* (*parousia* = *parousia*), e o *amor* (*agaph* = *agápê*) são palavras femininas, enquanto que a palavra *perfeito* (*telo* = *télos*) está no gênero neutro. Talvez pudéssemos dizer, referindo-se à ressurreição, que Paulo estava falando do **evento** da ressurreição, do seu fenômeno. Daí teríamos uma possível solução. O mesmo se poderia dizer em relação à *vinda* de Cristo.

Uma coisa, porém, podemos afirmar sem vacilar. Aquilo que é perfeito não é a profecia do Novo Testamento, como afirmou B. F. Cate. Isto demonstramos ao longo deste ensaio. Nós acreditamos que *o perfeito* é o conjunto de todas estas coisas: a *vinda* de Jesus, seu amor completado em nós, a *ressurreição*, o cumprimento das promessas futuras, encontradas nas Escrituras, que virão na consumação desta era. Todos estes elementos, é claro, não poderia ser gramaticalmente descrito por uma só palavra, masculina ou feminina. Paulo vinculou o todo à uma só palavra: "o perfeito," e esta, para descrever tantas perfeições de Deus, só poderia estar no neutro, porque se refere à muitas coisas.

De qualquer forma, seja o que for *o perfeito*, claro ficou que ele ainda não veio, e mesmo que não saibamos o que possa ser (esta nossa dificuldade prova que não conhecemos plenamente hoje), é fato inegável que os dons extraordinários não cessaram.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt et alii. *The Greek New Testament*. 3 ed. Germany, United Bible Societies, 1975; 918 p.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Atualizada. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.

CATE, B. F. *Os Nove Dons do Espírito; não se manifestam na igreja no dia de hoje*. 2 ed. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1980; 63 p.

FRIBERG, Barbara et alii. *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo, Vida Nova, 1987; 860 p.

GEISLER, Norman L. et alii. *Introdução a Filosofia; uma perspectiva cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1983; 346 p.

GINGRICH, F. Wilbur et alii. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo, Vida Nova, 1984; 228 p.

O Novo Testamento: nova versão internacional. São Paulo, Sociedade Bíblica Internacional, 1994; 340 p.

RIENECKER, Fritz et alii. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. São Paulo, Vida Nova, 1985; 639 p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ GEISLER, Norman L. *Introdução a Filosofia*, p.17.

² Ibidem, p.17.

³ Ibidem, p.28.

⁴ GEISLER, Norman L. *Introdução a Filosofia*, p.29.

⁵ Não por meio de experiência, é claro, mas pelo conhecimento metafísico.

⁶ CATE, B. F. *Os Nove Dons do Espírito*, p.7-8.

⁷ Ibidem, p. 9-10.

⁸ GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, p.205.

⁹ FRIBERG, Barbara. *O Novo Testamento Grego Analítico*. p.538.

¹⁰ Ibidem, p.538.

¹¹ Em Lc.22:37 é usado o verbo grego **teléō** e o substantivo **télos**: "...que se **Cumpra (teléō)** em mim... está sendo **cumprido (télos)**..." , ambos com este sentido.

¹² GINGRICH, F. Wilbur. op. cit., p.150.

¹³ Ibidem, p.150

¹⁴ GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, p.34.

¹⁵ RIENECKER, Fritz. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*, p.320.

¹⁶ GINGRICH, F. Wilbur. op. cit., p.142.

¹⁷ Ibidem, p.208.

¹⁸ O Novo Testamento: nova versão internacional, p.227.

¹⁹ RIENECKER, Fritz. op. cit., p.320.

²⁰ Ibidem, p.480.